

DAS TENTATIVAS DE QUEBRA À RESISTÊNCIA NA CIRCULAÇÃO: a imagem simbólica corporificada na placa Marielle Franco

FROM ATTEMPTS TO BREAK TO RESISTANCE IN CIRCULATION: the symbolic image embodied in the Marielle Franco street sign

DE LOS INTENTOS DE ROMPER A LA RESISTENCIA EN CIRCULACIÓN: la imagen simbólica plasmada en la placa de Marielle Franco

Ana Paula da Rosa

Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil. Doutora em Ciências da Comunicação. anaros@unisinos.br.

 0000-0001-7461-2278

Ana Isabel Freire

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Mestre em Comunicação. anaisabelfreiremsm@gmail.com.

 0000-0001-7578-1671

Recebido em: 26.02.2023.

Aceito em: 01.05.2023.

Publicado em: 26.05.2023.

RESUMO:

Discutimos a circulação midiática da "Placa Marielle", entendida não apenas como um objeto, mas como uma imagem símbolo que circula mobilizando sentidos sobre direitos humanos. Consideramos o contexto de intensa midiatização em que estamos imersos e, a partir da circulação midiática da placa, analisamos um caso no qual percebemos a configuração de sentidos em disputa. Partimos da compreensão de circulação trazida por Rosa (2019), Fausto Neto (2018) e Carlón (2021), em diálogo com a abordagem do imaginário em Kamper (2016), Rosa (2014) e iconoclasmo em Klein (2009), para analisar como um objeto que serve inicialmente como homenagem a Marielle Franco, se reconfigura em símbolo de identificação política e resistência mesmo ante a tentativas de esvaziamento e de transformação do ato-político em ato-consumo.

PALAVRAS-CHAVE: Midiatização; Circulação; Imagem; Marielle.

Introdução

Neste trabalho, analisamos o caso midiatizado que constituímos a partir da circulação da "placa Marielle", objeto criado em homenagem à vereadora assassinada em 2018, no Rio de Janeiro, mas que é ressignificado pelos atores e coletivos no curso da circulação. O caso aqui apresentado não está dado a princípio, mas se configura a partir do esforço das pesquisadoras em analisar os acontecimentos que se desdobram desde o episódio da exibição da placa quebrada por adversários políticos de Marielle durante a campanha eleitoral daquele ano.

Estamos apoiadas nas discussões sobre midiatização e circulação a partir de uma perspectiva latino-americana, buscando compreender os modos como a imagem da placa Marielle condensa sentidos e mobiliza um debate sobre direitos humanos nesse processo. Como característico da circulação em um contexto intensamente midiatizado, as interações comunicacionais aqui observadas são marcadas por tensões, disputas e

negociações que se concretizam na instância da circulação, considerada, aqui, central para entendermos o fenômeno ora analisado (Rosa, 2019).

Aliado a isso, acrescentamos a discussão sobre o imaginário mobilizado por esse caso, ou seja: os modos como a imagem de Marielle Franco acionam imaginários sociais ao mesmo tempo em que se configura como um símbolo que dura. Tal duração resiste aos atos iconoclastas, como a tentativa de destruição da placa com seu nome ou sua banalização. Isso se dá pelo fazer de atores sociais e coletivos que agenciam a circulação para impedir qualquer forma de apagamento. Neste sentido, a placa que corporifica Marielle resiste enquanto imagem e enquanto ideal.

Nas seções a seguir apresentamos uma contextualização dos acontecimentos que nos permitem construir nosso caso de observação. O caso aqui analisado inicia em 2018 com o episódio da quebra da placa e se desdobra, nos anos seguintes, até chegarmos em 2022. Priorizamos uma análise da circulação dos sentidos a partir das imagens da placa Marielle, não nos restringindo a observar as imagens em si, mas os sentidos que podemos depreender delas.

Da homenagem ao embate de sentidos na circulação: a placa Marielle Franco

Mulher negra, nascida na Maré, bairro da zona norte do Rio de Janeiro, Marielle Franco se tornou uma das figuras mais conhecidas do cenário político e midiático brasileiro após o atentado que resultou em sua morte, ocorrido em março de 2018. Socióloga e ativista política pelos direitos humanos, Marielle foi eleita vereadora carioca pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) nas eleições municipais de 2016, a quinta mais votada naquele pleito; antes da candidatura, ela construiu experiência política atuando em projetos sociais na Maré e depois como assessora do então deputado estadual Marcelo Freixo (PSOL).

Marielle foi coordenadora da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, em 2009; na comissão presidida por Freixo, ela se dedicava à atenção a populações em situação de vulnerabilidade. Foi nesse período que auxiliou o deputado na CPI das Milícias, realizando o mapeamento das favelas que estavam sob domínio de grupos paramilitares (Otavio; Araújo, 2020).

Durante seu mandato como vereadora, Marielle se destacou na promoção de pautas relacionadas à defesa dos direitos da população negra, pobre, de mulheres, comunidade LGBTQIA+.

Era um gabinete barulhento, mas harmonioso, e ela sabia que daquele espaço – formado por mulheres, pertencentes ou simpatizantes da comunidade LGBTQIA+, pessoas negras e lideranças comunitárias –

poderiam sair multiplicadores de seu projeto em prol da defesa dos direitos humanos e da igualdade social das minorias (Otavio; Araújo, 2020, p. 11).

Na noite de 14 de março de 2018, Marielle participou de uma reunião na Casa das Pretas, espaço coletivo de mulheres negras, localizado no centro do Rio de Janeiro; ela foi mediadora do debate que teve como tema “Jovens Negras Movendo Estruturas”. Após o término do evento, Marielle saiu da Casa das Pretas acompanhada pela amiga e assessora Fernanda Chaves e pelo motorista Anderson Gomes. Sem que ninguém percebesse, o grupo foi seguido desde a saída do evento; cerca de três quilômetros depois, no largo do Estácio, o carro em que estava Marielle foi atacado por tiros, sendo que quatro deles atingiram a vereadora que morreu na hora, juntamente com o motorista, Anderson; Fernanda foi a única sobrevivente do ataque.

O rosto, o olhar, o cabelo, os adereços, toda a construção da mulher negra que carrega consigo um histórico de ancestralidade e resistência estão corporificados em Marielle Franco. Dentre as muitas manifestações que se sucederam após seu assassinato, uma nos chama atenção e será objeto de nossa discussão neste artigo: a placa Marielle.

Militantes do PSOL e apoiadores das causas defendidas por Marielle fixaram uma placa em homenagem à vereadora na Praça Floriano Peixoto, na Cinelândia, local onde está situada a Câmara Municipal do Rio de Janeiro (RJ). A placa cobria o nome oficial da praça “Marechal Floriano Peixoto” e tinha os seguintes dizeres: Rua Marielle Franco. (1979-2018). Vereadora, defensora dos Direitos Humanos e das minorias, covardemente assassinada em 14 de março de 2018.

Figura 1 Placa Marielle Franco



Fonte: Carta Capital, 2018. (Elaboração das autoras).

Na noite de 30 de setembro de 2018, a placa foi retirada por Rodrigo Amorim, então candidato ao cargo de deputado estadual pelo Partido Social Liberal (PSL), partido

situado no campo da direita, adversário político de Marielle e do PSOL. No dia seguinte, Amorim, ao lado de Daniel Silveira, candidato a deputado federal pelo mesmo partido, levou a placa quebrada e a apresentou durante um ato de campanha de Wilson Witzel, candidato ao cargo de governador do estado do Rio de Janeiro. Esse ato é o estopim para uma série de mobilizações em defesa da memória de Marielle e de seu legado que se intensificam na circulação midiática.

Até a exibição feita pelos candidatos, a placa se restringia a símbolo de homenagem a Marielle. No entanto, após esse episódio e a intensa circulação da imagem da placa quebrada (Fig. 2), o objeto se transforma também em elemento de identificação política e, como é próprio da circulação em um contexto midiático, acumula sentidos múltiplos e imprevisíveis nesse processo.

Figura 2 Daniel Silveira e Rodrigo Amorim exibem a placa quebrada durante ato de campanha em 2018



Fonte: UOL, 2018.

A imagem dos candidatos exibindo a placa quebrada circulou de modo acelerado e gerou mobilizações em resposta ao ato. No dia 14 de outubro, data que marcou sete meses do assassinato, manifestantes realizaram a distribuição de mil placas no centro do Rio de Janeiro. Com as placas distribuídas foi montado um mosaico formando o nome de Marielle (Fig. 1). A iniciativa de produção e distribuição das placas partiu do site de humor Sensacionalista.

Segundo o jornal O Globo, cada pessoa tinha direito a retirar um exemplar, e aqueles que o receberam foram orientados a deixar o local

com a placa escondida dentro de um envelope, também distribuído pelos organizadores do ato, para evitar represálias.

Após receberem as sinalizações, os manifestantes montaram um mosaico humano nas ruas da Cinelândia que formava o nome da vereadora assassinada e só podia ser visualizado do céu.

O ato foi uma iniciativa do site de humor Sensacionalista, que criou uma campanha de financiamento coletivo a fim de arrecadar 2 mil reais para confeccionar 100 placas em homenagem a Marielle. “Eles rasgam uma, nós fazemos 100”, dizia a página em um site de vaquinha virtual (Carta Capital, 2018).

As discussões em torno da placa permaneceram em circulação. Em março de 2019, o portal UOL publicou uma reportagem com o título “Marielle Franco – Um ano após sua morte, vereadora se tornou símbolo dos direitos humanos”, em que discorre sobre as articulações de movimentos sociais que se inspiram nas lutas da vereadora. No início da reportagem vemos uma foto em que estão nove mulheres negras, todas vestindo roupas pretas, óculos escuros, algumas com boinas, turbantes ou apenas ostentando penteados afro e tranças. As mulheres, com o punho cerrado para o alto e com luvas pretas, trazem cartazes pendurados no pescoço e uma réplica da placa de Marielle.

Figura 3 Ativistas negras reunidas em manifestação que lembrou um ano do assassinato de Marielle Franco



Fonte: UOL, 2019.

O texto aborda como o assassinato da vereadora representou uma “afrenta” aos movimentos sociais e uma tentativa de obstruir a luta por direitos humanos a partir do medo. A matéria recupera o episódio da quebra da placa ocorrido durante a campanha eleitoral de 2018:

Os candidatos eram Daniel Silveira e Rodrigo Amorim, que reclamaram que a esquerda se calou diante da morte de outras pessoas e da facada desferida contra Bolsonaro. Amorim compartilhou a foto com a placa quebrada nas redes sociais. A cena repercutiu na imprensa e causou revolta, mas também foi celebrada por apoiadores do PSL. Os dois ganharam projeção com o caso e foram eleitos para os cargos de deputado federal e deputado estadual, respectivamente. Depois do episódio, *a imagem da placa ganhou um novo significado e começou a ser cada vez mais usada nas manifestações de ativistas de direitos humanos* (UOL, março de 2019; destaque nosso).

Como destacado na citação anterior, a placa em homenagem a Marielle passou a circular e ser utilizada como símbolo de identificação com Marielle, com a defesa dos direitos humanos e com o campo progressista. Mas, mais do que isso, além das mil placas distribuídas em 2018, percebemos uma multiplicação dos usos do objeto e, conseqüentemente, dos sentidos gerados a partir desses usos. A placa foi vendida como objeto de decoração para ser colocada em paredes, estantes, salões de beleza, é apresentada em shows, projetada em prédios, reproduzida em quadrinhos, ímãs de geladeira, usada por candidatos no pleito eleitoral de 2020 etc.

Figura 4 Exemplos de usos da placa como objeto de decoração



Fonte: Instagram, 2022; Amazon, 2022. (Elaborado pelas autoras).

Notamos que toda a mobilização em torno placa, seja a partir do mote “Eles rasgam uma, nós fazemos 100” ou das manifestações realizadas posteriormente ao episódio da quebra, nos permite pensar que a placa Marielle Franco assume, aqui, uma tripla função: sinaliza o lugar, resignificando-o e atribuindo presença simbólica a um corpo ausente; de outro lado, desvincula a ideia de lugar geograficamente referenciado, pois, na circulação midiática, a placa serve como sinalização da identificação política, do reconhecimento de valores e ideias partilhadas entre ativistas e, conseqüentemente, gera pertencimento ao campo progressista. Não obstante, também passa a ser elemento

discursivo em disputa, acirrando embates tanto midiáticos como entre diferentes campos sociais, dentre eles o político, o qual já é parte intrínseca do assassinato da vereadora e ativista.

A resistência na circulação

Construímos nossa análise sobre o caso da placa Marielle tomando a circulação como conceito central para o entendimento do processo que observamos. Partimos de uma perspectiva que tem na circulação um elemento-chave para a compreensão dos processos comunicacionais em um contexto de intensa midiatização, ou seja, quando atores, coletivos e instituições midiáticas ou midiatizadas assumem o trabalho de produção, não estando mais restritos ao papel de receptores das produções da mídia hegemônica. Nesse contexto, a circulação deixa de ser um ponto de passagem, tornando-se uma instância de negociação, embates, lutas por reconhecimento, sendo um espaço privilegiado para a observação das disputas de sentidos. No caso da placa Marielle, observamos a perspectiva da circulação a partir de interfaces/acoplamentos propiciados pela intensificação de processos midiáticos e tecnológico-digitais (Fausto Neto, 2018). Em nossa análise, percebemos acoplamentos de sentidos que se multiplicam na circulação midiática da imagem da placa.

Estamos diante de novas condições de circulação, nas quais os sentidos são mobilizados e tensionados por diferentes atores e meios. Ao analisarmos o ambiente comunicacional no qual estamos imersos atualmente, percebemos a importância de não nos restringirmos a uma análise que priorize o fazer dos meios hegemônicos, mas se debruce sobre os múltiplos fazeres dos atores, suas experimentações e apropriações das mídias. Compartilhamos o entendimento de Carlón (2019) sobre o tema, quando ressalta a importância de analisarmos atentamente o que a sociedade faz com os meios e como ela se transforma no processo, uma vez que a circulação na midiatização se complexifica, provocando transformações não apenas nas instituições, mas nos modos de interação de atores e coletivos. Para o autor, a “circulación se sigue em múltiples direcciones de modo continuo e incesante” (Carlón, 2019, p. 35).

Considerando o caso que trazemos para discussão, percebemos como o assassinato de Marielle Franco produziu uma força de mobilização que se construiu, em grande medida, através da circulação de informações (e desinformações) que se estabelece nos meios digitais, incluindo aí tanto meios jornalísticos quanto redes sociais. A imagem de Marielle passa a circular mobilizando discursos em torno das pautas que ela defendia, sendo apropriada por diferentes grupos que se utilizam dessa imagem e do imaginário construído a partir dela.

É na circulação midiática que a imagem de Marielle como símbolo de luta pelos direitos humanos é construída e consolidada. A placa feita em sua homenagem, e depois retirada e quebrada por adversários, se transforma em objeto político quando passa a circular pelos espaços midiáticos como símbolo de identificação com um campo ideológico; ao mesmo tempo, também se converte em objeto decorativo estampando paredes e estantes. Temos não apenas a circulação da placa enquanto objeto, mas do simbolismo que ela agrega e que é tensionado na circulação.

A imagem de adversários políticos exibindo a placa partida ao meio remete não apenas a mais uma tentativa de quebra, apagamento, eliminação do corpo de Marielle, mas de tudo aquilo que ela representava naquele momento. O que circula não é somente a imagem, mas a exacerbação de tensões políticas e sociais, os embates entre grupos antagônicos, entre aqueles que lutam por dignidade e igualdade e aqueles que alimentam a desigualdade e a exclusão. Marielle se corporifica na placa em todos os momentos da sua circulação: ao ser afixada em frente à Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, substituindo o nome de um militar e ocupando um espaço na institucionalidade que é tradicionalmente branco, masculino e rico; ao ser quebrada e arrancada dali à força, o episódio da placa rememora o assassinato da vereadora que é violentamente impedida de continuar ocupando aquele espaço e a tentativa de destruição da sua imagem é incessantemente publicizada por adversários que buscam reafirmar sua eliminação – agora simbólica. No entanto, é na circulação que percebemos a resistência dessa imagem de Marielle, não quebrada ou destruída, mas acolhida pelos grupos que representava, os quais, ao multiplicarem a placa, põem em circulação também a multiplicação do seu legado e das suas lutas; não é apenas uma placa a ser reproduzida e distribuída (como descrito na figura 1), temos aqui a circulação de Marielle como um símbolo de resistência que perdura à despeito das muitas tentativas de eliminação. Todavia, como é próprio da complexidade da midiatização, essa circulação não se restringe ao legado, às lutas e à resistência; nela, a placa que aparece inicialmente como um ato político, se transforma em ato-consumo quando se torna objeto decorativo (Figs. 4, 5 e 6), trazendo consigo identificação, aderência a um campo social e político progressista.

Os movimentos que observamos, aqui, corroboram a ideia de Rosa (2020) que defende a circulação como uma relação de atribuição de valor que se intensifica em contextos de disputa de poder.

Ao considerar que a imagem que circula é fruto de uma disputa intensa por sentidos, aquilo que ganha visibilidade torna-se resultado de operações de poder, de exclusões, de apagamentos e, em

contrapartida, de valorizações. Estas valorizações ocorrem não por um único agente ou por outro, mas em interações e de múltiplas formas (Rosa, 2020, p. 306-307).

As operações de mediação que emergem do caso da placa Marielle são realizadas por múltiplos agentes que ocupam distintos espaços na topografia comunicacional, desde a mídia hegemônica, passando por atores individuais e organizados em coletivos. Os sentidos que circulam a partir da placa, e, conseqüentemente, da própria Marielle, traduzem as valorizações (diversas, contraditórias) atribuídas por esses agentes, dando visibilidade a tensões sociais e políticas. Esse processo nos instiga a pensar sobre a imagem corporificada de Marielle através da placa e o simbolismo que circula nas tentativas de quebra e nas lutas pela resistência.

Entre tentativas de destruição e a imagem-corpo

O episódio observado nesse artigo nos faz pensar sobre o lugar de Marielle enquanto imagem e como tal imagem é corporificada; isto é, a placa que, inicialmente, carregava Marielle indicando sua presença e de suas pautas sociais na cidade, nas ruas cariocas, passa a ser questionada e a sofrer tentativas de quebra e ruptura. Porém, tal processo não apenas atinge um elemento simbólico coletivo, uma placa de rua, mas atinge a imagem-corpo e, logo, se refere a uma dupla agressão: a violência ao corpo e à memória de Marielle, a violência à imagem que congrega outros corpos e sujeitos. Isso porque a placa tinha como propósito restaurar a ordem, principalmente ao cobrir o nome de um marechal homenageado como nome de rua por seus "feitos", destituindo seu lugar de poder para proceder uma reparação histórica que diz, também, sobre como a história no Brasil é contada.

Nesse sentido, quando falamos em corpos, nesse trabalho, tratamos na perspectiva de Kamper (2016, p. 73) para quem a violência se manifesta no olhar. Para o autor, as bordas da imagem e do corpo cada vez mais se tornam tênues ou borradas, a ponto de já não ser possível a distinção. "Aquele que despreza o corpo transformado em imagem maltrata também os corpos reais. Não está muito longe do assassinato, embora não saiba o que está fazendo". Ainda que Kamper estivesse pensando em outros objetos, esta citação é importante para nossa argumentação nesse caso. Notamos que o desprezo ao corpo transformado em imagem, portanto à imagem de Marielle presente na placa e em um conjunto de materialidades que visam atribuir-lhe um corpo e um caráter de homenagem ou deferência, é uma forma de duplicar o assassinato. Ou seja, desprezar o corpo de Marielle e sua trajetória resulta em desprezar um conjunto de corpos vivos que

estão implicados naquilo que a vereadora defendia ou questionava. Dessa forma, a destruição da placa não é apenas a destruição material de um símbolo, mas é a tentativa de maltratar corpos que têm seu direito de existir negado. A placa com a menção aos direitos humanos condensa, em si mesma, as inúmeras situações cotidianas de violência, desrespeito, agressão, invisibilidade e quando esta é atacada, ataca-se do mesmo modo os corpos por ela visibilizados.

Porém, o debate é mais amplo. Mais do que o assassinato duplo, a ação da quebra ou depredação da placa de Marielle, enquanto ato político, é um ato violento. Agora, se olharmos pelo prisma do efeito deste ato, percebemos a impossibilidade de quebra desta imagem-corpo. Trata-se do iconoclasmo e do efeito oposto que ele causa, visto que a imagem transcende o suporte. Nesse sentido, entendemos aqui o iconoclasmo como uma tentativa de destruição da imagem com vistas a bani-la do processo de circulação e, conseqüentemente, do imaginário social.

A palavra iconoclasmo e sua força remontam às discussões religiosas que estão na base do cristianismo e do protestantismo e que tensionam os iconólatras e os iconoclastas. Para os primeiros, a adoração das imagens significa a própria ligação com o sagrado, sendo a imagem de culto o vínculo. Os iconólatras se sentem pertencentes, se reconhecem na imagem que adoram. Já para os segundos, os iconoclastas, a imagem é uma forma de mentira, de enganação e não corresponde aos mandamentos bíblicos, portanto sua adoração, em virtude da mediação que realiza, é contrária ao sagrado. Toda imagem deve ser banida, pois ao destruir a materialidade se destrói a imagem e o vínculo suposto. Embora nosso texto não se volte para a discussão religiosa, esta menção, aqui, se faz importante para entendermos que o iconoclasmo a que nos referimos neste trabalho está na tentativa de destruir a placa em sua materialidade como forma de destruir a imagem de Marielle.

Porém, midiaticamente, as formas de iconoclasmo se tornaram comuns e reiteradamente inscritas na circulação midiática, visto que são ações midiaticizadas. Como bem afirma Klein (2009), a imagem está desde sempre entre o fascínio e o ódio. Podemos lembrar aqui de atos iconoclastas como a destruição da estátua de Saddam Hussein no Iraque, a destruição das estátuas de Cristóvão Colombo e de Thomas Jefferson durante protestos após a morte de George Floyd nos Estados Unidos, a quebra da imagem de uma Santa em um programa televisivo no Brasil, dentre outros. Esses atos envolvem tanto a destruição efetiva dos objetos, como o impedimento da circulação de imagens digitais, por exemplo. O impedimento da circulação de imagens é comum por regras de proteção/condução das plataformas digitais como *Facebook* e *Instagram*, como também por questões jurídicas. Tome-se, como exemplo, o caso da imagem do corpo do menino

Marcos Vinicius, assassinado pela polícia no Rio de Janeiro, e cujos registros foram retirados de circulação, restando como corporificação a imagem de uma camiseta manchada de sangue. Aqui, quando nos aproximamos da ideia de iconoclasmo, estamos discutindo o ato da destruição, mas mais do que isso o que esse ato faz fazer em termos de imagens. Se a imagem torna presente o ausente, assim como lembra Debray (1993, p. 38), ela acaba por substituir o referente ausente, aqui a própria Marielle.

No entanto, a imagem em circulação não fica restrita ao objeto (a placa, a estátua), ao circular ganha outros contornos, significações, apropriações, sobrevidas. E ainda que se destrua a placa, a imagem de Marielle só se reforça e intensifica. Isso porque a violência contra a imagem material (exógena), não elimina a imagem imaterial (endógena) já presente nos fluxos e circuitos. Assim, como indicado neste artigo “rasgam uma, nós fazemos 100”, questionamos: como quebrar o inquebrável? Nesse caso, quando os atores políticos resolvem desenvolver o ato iconoclasta, inclusive tentando ressignificar a imagem atribuindo um outro corpo a partir do uso da placa emoldurada em 2022, nada mais fazem do que atribuir valor na circulação à imagem que tentaram, em vão, dissipar. Nesse sentido, Klein (2009, 12) enfatiza que o “próprio iconoclasta muitas vezes não consegue se desvencilhar da hipnose da imagem. A medida de violência desferida contra a imagem é ironicamente proporcional ao reconhecimento da medida de poder que ela exerce”.

A questão que se coloca é em que medida a resistência da imagem implica na manutenção de sua força? Tal discussão será abordada em nosso próximo item a respeito das apropriações da placa no fluxo sempre adiante (Braga, 2006) da circulação.

Das apropriações ao esvaziamento: o lugar do simbólico

A imagem de Marielle Franco, condensada em sua placa, ganhou uma dimensão muito maior do que o manifesto coletivo que lhe deu origem. Ao ser questionada e quebrada, a imagem passou a durar na circulação midiática. No entanto, como visto, a circulação é o lócus dos embates, onde ocorre a tessitura dos sentidos e, também, suas transformações. Nesse aspecto, a imagem da placa Marielle passou a ser apropriada por diferentes atores sociais, seja envolvendo questões políticas, de direitos humanos ou somente como um elemento da cultura pop, marca que, aliás, a própria Marielle Franco parecia adotar em sua campanha eleitoral ainda em 2016. Ou seja, a estética da cultura popular, dos jogos de cores e dos traços da arte, que tanto marcaram a vereadora, passaram a ser compostos com sua inscrição na circulação.

As camisetas com frases e palavras de ordem não são novidade, por exemplo, na relação moda e comunicação. Porém, a expressão Marielle Presente e, em especial, a

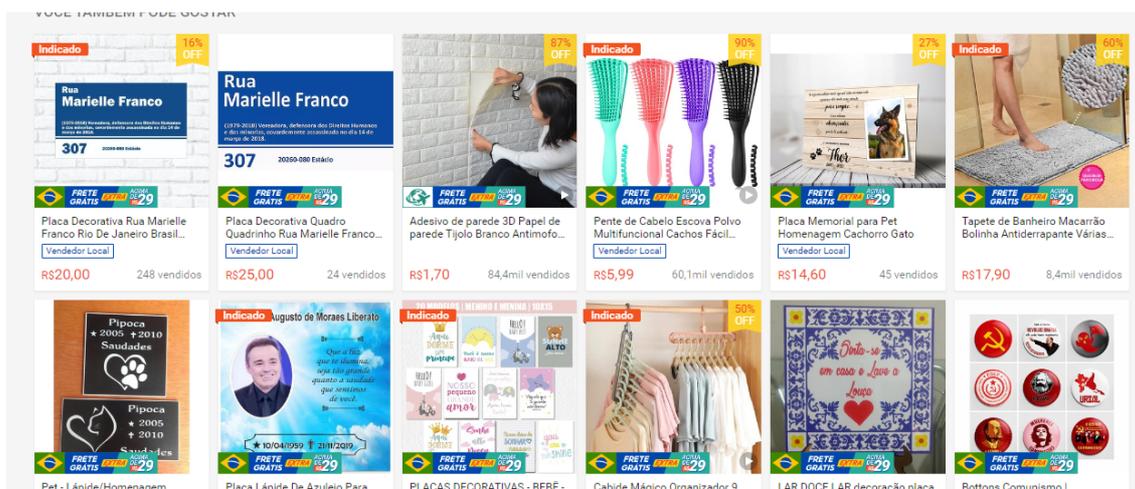
imagem da placa Marielle passam a estampar camisetas, bolsas, convites de festas e eventos. A placa ato-manifesto é apropriada como um ato-consumo, muitas vezes um consumo pouco referido ao produto em si e mais a uma ideia de apropriação efetiva dos valores de Marielle, como se ao vestir ou exibir a placa o poder simbólico da vereadora pudesse ser transferido. O corpo Marielle volta a entrar em disputa. Dessa vez não no sentido do apagamento ou da destruição da imagem, mas uma disputa sobre o valor de dar corpo. Ou seja, a quem corporificamos quando vestimos a placa Marielle? Em que medida é o corpo do sujeito que passa a se abastecer de uma espécie de aura que Marielle foi adquirindo? Assim, não é raro vermos um conflito entre o corpo que usa a placa Marielle enquanto objeto da cultura e um discurso que esvazia o sentido do manifesto e do ato que resultou na criação da placa.

Trata-se de pensar que os usos e as apropriações da placa, enquanto objeto da cultura, levam a uma dupla incidência: de um lado, valor e força à imagem inquebrável e, de outro, um esvaziamento do valor da imagem. Este esvaziamento é perceptível naquilo que Norval Baitelo Jr (2014) chama de iconofagia. Consume-se o ícone, a imagem, tal fagia leva a novas produções, reinserções, reapropriações; porém, nesses movimentos todos, a imagem vai, gradualmente, tornando-se objeto, coisificada.

A desmedida proliferação das imagens, sobretudo comprovadamente das imagens exógenas, fruto das imensas facilidades da reprodutibilidade técnica, trouxe muito mais do que a democratização da informação prometida pelo prognóstico benjaminiano; ela trouxe o surgimento de uma instância crescente de imagens que se insinuam para serem vistas enquanto decresce em igual proporção a capacidade humana de enxergá-las. Tal fenômeno, que se configura como uma crise da visibilidade, promove uma aceleração cada vez mais intensa no crescimento populacional das imagens, gerando uma inflação que agrega a elas um crescente desvalor. Isso gera ainda, por sua vez, o movimento desesperado de busca da visibilidade a qualquer custo (Baitello Jr, 2014, p. 91).

As imagens da placa passaram a ser localizadas em espaços impensáveis como, por exemplo, em sites de compras como o Shopee e Amazon. Junto a outras aquisições de que o sujeito pode gostar (como sinalizam os algoritmos a partir de nossas buscas), está a placa Marielle como objeto decorativo, assim como tapetes, escovas de cabelo, bottons do comunismo e a placa lápide de Gugu Liberato (figura 05).

Figura 5 Captura de tela com as possibilidades de produtos à venda, dentre eles a placa Marielle



Fonte: Shopee, 2022. (Screenshot elaborado pelas autoras).

Embora muito diferentes entre si, esse conjunto de produtos, postos em circulação pela lógica do mercado e consumo, esvazia simbolicamente a força das imagens, mas a restitui quando essas imagens se tornam autorreferentes. Já não precisamos mais retomar o acontecimento da tentativa de quebra ou do iconoclasmo, a placa permanece intacta em suas inúmeras reproduções. Contudo, o fato de permanecer intacta enquanto produto, não preserva o seu lugar intocável quanto aos sentidos que dela emanam. Pelo fazer dos atores sociais, a placa passa a ser um objeto que congrega tanto um discurso de luta, quanto um discurso que se aproveita da própria luta.

Esse aproveitar-se está na banalização da placa, de sua reificação. Quanto mais sentidos são gerados em seu entorno, mais a placa ganha espaço. Para alguns, conquista, para outros, mero ícone de exibição. Nesse caso, ao contrário do iconoclasmo que tenta banir a imagem, há um esforço de mantê-la, de aderir não ao que ela é figurativamente, mas ao que representa, simbolicamente, em termos de discursividade social e de reconhecimento. O que nos levaria a desejar um ímã de geladeira (figura 06) Marielle Franco? Ainda mais quando podemos receber o "produto" no conforto de nossa casa, o que parece romper com qualquer ideia de manifesto ou ato político.

Figura 6 Conjunto de ímãs de geladeira que reproduzem a imagem da placa



Passa o mouse para ampliar a imagem

Kit 5 Ímãs De Geladeira Marielle Franco

Marca: Genérico

★★★★★ 5 avaliações de clientes

R\$ 29⁰⁰

Pagamentos e Segurança Política de devolução

Garantia de A a Z
Queremos que você tenha segurança sempre que fizer uma compra no site da Amazon.com.br. Por isso, oferecemos garantia para quando você compra de outros vendedores em nosso site, cobrindo a condição do item comprado e sua entrega dentro do prazo estimado. Saiba mais.

Fonte: Amazon.

Ante esses exemplos, podemos considerar que a placa Marielle é tensionada e destruída na circulação. Essa afirmação, porém, soa inverídica. Do mesmo modo que a placa se banaliza pelo fazer de sujeitos, é por meio de atores sociais políticos e politizados que o artefato se reinveste de poder enquanto uma imagem que dura. A mesma placa quebrada e transformada em artefato de consumo permanece circulando como forma de ato-político, principalmente pelo fazer de coletivos que levam as pautas da vereadora assassinada à frente. O próprio Instituto Marielle Franco mantém uma ação bastante interessante que joga com as bordas da repetição e do esvaziamento. A ação é um estímulo à reprodução livre e gratuita do arquivo com a placa de Marielle. Porém, uma reprodução engajada, que desenvolve uma operação de reprodução, considerando a sua potência de ser uma imagem-totem, portanto, uma imagem barreira para que outras, concorrenciais, circulem.

A página <https://www.ruamariellefranco.com.br/> centra seu fazer em replicar a placa Marielle como um convite ao engajamento e à ação. Com o mote "vamos levar as placas para todos os cantos e mostrar que a Mari é do tamanho do mundo!", a organização assume o papel de agenciar a circulação, não impedindo a circulação de apropriações da placa, mas estimulando seu uso e seu deslocamento. Além de ser possível fazer *download* da arte da placa, é possível incluir em um mapa a existência de sua placa (figura 7). Ou seja, aos poucos aquele ato-manifesto, transformado em ato-consumo, compõe uma outra geografia. A mesma placa do Rio de Janeiro cobre várias partes do mundo. Embora possa soar apenas como uma homenagem, em nossa ótica, esse movimento dos coletivos permite que a imagem simbólica de Marielle permaneça em circulação. Mesmo na ausência de um retrato do rosto, de um contorno físico

delimitado, Marielle se faz presente nas casas, na rua, no mapa, na memória, na luta que segue para além de qualquer materialidade.

Figura 7 Mapa produzido pelo Instituto Marielle Franco que aponta a presença da placa Marielle em diferentes espaços geográficos dentro e fora do Brasil



Fonte: Instituto Marielle Franco, 2022. (Screenshot elaborado pelas autoras).

Assim, o lugar do simbólico não está em conflito com as apropriações, típicas da circulação. Ao contrário, é na relação de atribuição de valor à placa, nas interações, que Marielle resiste como símbolo e existe enquanto corpo. A lógica da midiaticização impede que se tente restringir a circulação, visto que os sentidos nunca estancam seu fluxo. Do mesmo modo, impedir a imagem de circular seria o mesmo que impedir sua existência, como tentaram propor os políticos que destruíram fisicamente a placa. Nesse sentido, o Instituto Marielle Franco e os coletivos vinculados assumem exatamente o movimento oposto, convidam para a apropriação e a reinscrição da imagem, mas ao mesmo tempo desenvolvem uma tática de demarcação, considerando que mesmo o aparente empobrecimento do discurso é uma forma de fixar a imagem de Marielle.

Considerações sobre a imagem totêmica de Marielle e os Direitos Humanos em circulação

As tentativas de fixar a imagem de Marielle parecem ganhar eco. A placa é uma das iniciativas, mas podemos identificar a presença de cartazes em manifestações, a Agenda Marielle Franco que reúne ações vinculadas às causas que a vereadora defendia, a estátua instalada no Buraco do Lume, na Praça Mário Lago, no Rio de Janeiro. Além disso, destacam-se as inúmeras tatuagens inscritas em corpos. Tais inscrições na

circulação, e em corpos que circulam efetivamente em espaços públicos, permitem pensar na imagem simbólica de Marielle como uma homenagem, mas também como uma espécie de blindagem. A imagem de Marielle não pode ser apagada, quebrada, destruída. Ela restringe a entrada de outras imagens, mesmo quando apropriada e supostamente banalizada, resiste enquanto totem. A imagem totêmica para Rosa (2014) é aquela que se fixa em uma espécie de aderência, mesmo quando sequer está presente materialmente. É uma imagem que se instala no imaginário social, muito porque congrega relações profundas com imagens arcaicas. Assim, quanto mais adorada e questionada a imagem de Marielle, mais fortemente ela se instala. A diferença central aqui é que tanto os agentes iconoclastas, dispostos a quebrar imagens, como aqueles iconólatras, dispostos a reproduzir imagens, nada mais fazem que trabalhar em cooperação para agenciar a circulação, amplificando o valor de Marielle seja como “a imagem” a ser eliminada, seja como “a imagem” a se preservar.

Interessante observar que em 14 de março de 2021, data marco dos três anos do assassinato de Marielle, a Prefeitura do Rio de Janeiro prestou homenagem à vereadora afixando uma nova placa em frente à Câmara dos Vereadores, trazendo, também, um novo texto (Fig. 8) onde lê-se: “Brutalmente assassinada em 14 de março de 2018 por lutar por uma sociedade mais justa”. A essa frase somam-se os elementos de descrição: mulher negra, favelada, LGBT e defensora dos direitos humanos. A instalação da placa-homenagem é, em certa medida, a restituição do corpo cotidianamente agredido de incontáveis Marielles no país.

Figura 8 Nova placa em homenagem a Marielle produzida pela Prefeitura do Rio de Janeiro



Fonte: Beth Santos / Prefeitura do Rio de Janeiro.

Nesse sentido, o poder simbólico de Marielle vai, aos poucos, se fundindo com a pauta dos Direitos Humanos. A vereadora passa a ser rosto, corpo e voz daqueles que foram e são tão vítimas quanto ela. A diferença é que, negados em termos de existência, os direitos humanos passam a existir de fato, enquanto prática, a partir de sua morte. O impacto social causado pelo brutal assassinato da vereadora que começava a despontar como uma voz importante na defesa dos direitos humanos tornou-se gatilho que aciona a circulação do debate sobre tais direitos.

Marielle tem sua imagem atrelada à luta e defesa dos direitos humanos, mas diferentemente do que observamos na mídia hegemônica, em que o tema direitos humanos é cercado pelo discurso jurídico, diplomático, distante, portanto, da vivência dos muitos grupos aos quais eles são negados cotidianamente, ao aderir à imagem de Marielle esses discursos se corporificam, ganham uma dimensão palpável, de identificação entre aqueles que se veem em Marielle, que a reconhecem como igual, que se sentem representados por seus discursos, suas lutas, bem como pelo seu apagamento (ou pelas tentativas de apagamento).

Observamos não apenas a aderência do discurso dos direitos humanos à imagem de Marielle, mas a sua transformação a partir da abertura de um espaço de construção coletiva de direitos humanos que se organiza a partir dela. Nesse sentido, destacamos a criação do Instituto Marielle Franco (IMF) que atua como articulador político na tentativa de ocupar o espaço deixado pela vereadora, disputando narrativas tanto com a mídia hegemônica quanto com outros grupos, desenvolvendo projetos na área de direitos humanos em parceria com coletivos espalhados pelo Brasil. Iniciativas do IMF, tais como a Agenda Marielle (2020, 2022), documentos que organizam e dão direcionamento prático às demandas defendidas por Marielle, são demonstrativos de que esses discursos e disputas não se restringem à sua imagem, mas têm nela um ponto importante de articulação.

Referências

- Baitello Jr, N. (2014). *A era da Iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação e cultura*. São Paulo: Paulus Editora.
- Braga, J. L. (2006). *A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo: Paulus.
- Carta Capital. (2018). *Ato distribui mil placas com nome de Marielle no Rio*.
<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/ato-distribui-mil-placas-com-nome-de-marielle-no-rio/>.
- Carlón, M. (2019). Individuos y colectivos en los nuevos estudios sobre circulación. *Mediaciones de la Comunicación*, 14(1), 27-46.
<https://revistas.ort.edu.uy/inmediaciones-de-la-comunicacion/article/view/2884>.

- da Rosa, A. P. (2019a). Circulação: das múltiplas perspectivas de valor à valorização do visível. In *INTERCOM - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 42(2), 21-33.
<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/3137/2286>.
- da Rosa, A. P. (2020). Miatização das Imagens: o contra-agenciamento em circulação do caso Marcos Vinicius. In Sá, S. P. de; Amaral, A., Janotti Jr., J. (Org.). *Territórios afetivos da imagem e do som*. Belo Horizonte, MG: Fafich/ Selo PPGCOM/UFMG.
- da Rosa, A. P. (2014). Imagens-totens em permanência x tentativas midiáticas de rupturas. In Araujo, D.; Contrera, M. *Teorias da Imagem e do Imaginário*. Brasília: Compós. https://chuva-inc.github.io/compos-static-files/publicacoes/teorias_da_imagem_e_do_imaginario.pdf
- Debray, R. (1993). *Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Fausto Neto, A. (2018). Circulação: trajetos conceituais. *Revista Rizoma*, Santa Cruz do Sul, 6(2), 8-40. <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/13004>.
- Instituto Marielle Franco. *Rua Marielle Franco*. <https://www.ruamariellefranco.com.br/>
- Kamper, D. (2006). *Mudança de horizonte: o sol novo a cada dia*. São Paulo: Paulus.
- Klein, A. (2009). Destruindo imagens: configurações midiáticas do iconoclasmo. *Revista E-Compos*, 2(12).
- Otávio, C., & Araújo, V. (2020). *Mataram Marielle*. Rio de Janeiro: Intrínseca.
- UOL. (2019). *Marielle Franco - Um ano após sua morte, vereadora se tornou símbolo dos direitos humanos*. <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/marielle-franco---um-ano-apos-sua-morte-vereadora-se-tornou-simbolo-dos-direitos-humanos.htm?cmpid=copiaecola>

ABSTRACT:

We discuss the media circulation of the "Marielle street sign," understood not only as an object but as a symbolic image that circulates mobilizing meanings about human rights. We consider the context of intense mediatization in which we are immersed, and, according to the media circulation of the sign, we analyze a case in which we perceive the configuration of meanings in dispute. We start from the understanding of circulation brought by Rosa (2019), Fausto Neto (2018), and Carlón (2021), in dialogue with the approach of the imaginary in Kamper (2016), Rosa (2014), and iconoclasm in Klein (2009) to analyze how an object that initially served as a tribute to Marielle Franco was (re)configured into a symbol of political identification and resistance even in the face of attempts to empty and transform the political act into a consumption act.

KEYWORDS: Mediatization; Circulation; Image; Marielle.

RESUMEN:

Discutimos la circulación mediática de la "Placa Marielle", entendida no solo como un objeto, sino como una imagen simbólica que circula movilizandando significados sobre los derechos humanos. Consideramos el contexto de intensa mediatización en el que estamos inmersos y, a partir de la circulación mediática del signo, analizamos un caso en el que percibimos la configuración de sentidos en disputa. Partimos de la comprensión de la circulación aportada por Rosa (2019), Fausto Neto (2018) y Carlón (2021), en diálogo con el abordaje del imaginario en Kamper (2016), Rosa (2014) y la iconoclasia en Klein (2009) para analizar cómo un objeto que inicialmente sirve como homenaje a Marielle Franco se reconfigura en un símbolo de identificación y resistencia política incluso frente a los intentos de vaciamiento y transformar el acto político en un acto de consumo.

PALABRAS CLAVE: Mediatización; Circulación; Imagen; Marielle.